

**ARTIGO ORIGINAL**

**MITOS DA MEMÓRIA POPULAR: O SOTERRAMENTO DA VILA DE  
ITAÚNAS NA VISÃO DOS MORADORES**

**Camila Santos Almeida Soares<sup>1</sup>**

Faculdade Estácio de Sá de Vitória, Vitória/ES -- Brasil

**Manuella Fonseca Nacif<sup>2</sup>**

Faculdade Estácio de Sá de Vitória, Vitória/ES -- Brasil

**Adriana Sartório Ricco<sup>3</sup>**

Faculdade Estácio de Sá de Vitória, Vitória/ES -- Brasil

**RESUMO – Mitos da Memória Popular: o soterramento da vila de Itaúnas na visão dos moradores.** Os mitos são narrativas utilizadas por algumas pessoas, normalmente mais antigas, para explicar fatos incompreendidos por elas. São carregados de simbologias, signos e religiosidade e, por mais que sejam estórias, tem relação direta com a realidade vivida. Desta forma, os mitos preenchem o imaginário popular de cada comunidade e tornam-se elementos da cultura de determinadas regiões. Neste trabalho discorre-se sobre os mitos existentes na região de Itaúnas, relacionados ao fenômeno do soterramento da vila antiga que teve início na década de 1940. Para realização deste trabalho foram feitas entrevistas com moradores da atual vila de Itaúnas, para colher dados sobre a antiga vila e a perpetuação destes mitos na comunidade como forma de identificar se estas narrativas míticas se incorporaram ao patrimônio e ao legado cultural do vilarejo. O resultado do trabalho é a realização de um vídeo documentário "A História Soterrada" que apresenta o soterramento da vila de Itaúnas na visão dos moradores.

**Palavras-chave:** mitos; vila de Itaúnas; Patrimônio Cultural.

**ABSTRACT – Myths of Popular Memory: burial in the village of Itaúnas view of residents.** Myths are relations used by some people, usually older, to explain facts misconceived by them. They are charged with symbology, signs and religiosity and, much as be stories, has a direct relation with the reality experienced. In this way, myths fill the popular imagination of every community and become elements of the culture of certain regions. This paper discusses about myths existing in the region of Itaúnas, related to the phenomenon of the burial of the ancient village that began in the decade of 1940. For fulfillment this work, interviews were conducted with residents of the current village of Itaúnas, to gather data about the old village and the perpetuation of these myths in the community as a way to identify if these mythical narratives were incorporated to the patrimony and cultural heritage of the village. The result of this work is the realization of the video documentary "The History Buried" featuring burial in the village of Itaúnas in the vision of the residents.

**Keywords:** Myths; Itaúnas; Cultural patrimony.

<sup>1</sup> Graduada no Curso de Comunicação Social pela Faculdade Estácio Vitória (FESV).

<sup>2</sup> Graduada no Curso de Comunicação Social pela Faculdade Estácio Vitória (FESV).

<sup>3</sup> Orientadora: Turismóloga, mestra em Educação, Comunicação e Administração pela Universidade São Marcos e professora da Faculdade Estácio Vitória (FESV).

## 1 INTRODUÇÃO

A vila de Itaúnas, localizada ao norte do Espírito Santo e próximo a divisa da Bahia, é conhecida tanto pela natureza exuberante e aparência rústica quanto pelas manifestações culturais que envolvem o local. Distrito de Conceição da Barra, o vilarejo chama atenção pelas dunas e pela história bem marcada que foi se moldando ao longo dos últimos 40 anos.

A pequena comunidade ainda mantém a originalidade de suas manifestações folclóricas e culturais e possui uma história rica de acontecimentos e mitos. Para ter acesso ao vilarejo, o visitante precisa percorrer 27 quilômetros a partir da estrada de terra que parte do município de Conceição da Barra.

Ainda hoje, a vila simples tira o seu sustento principalmente da pesca e do turismo, movimentado pelo forró pé-de-serra e pelas dunas de areia, formadas após encobrirem a antiga vila a partir da década de 40. Devido ao intenso desmatamento da Mata Atlântica naquela região, a população que vivia na margem esquerda do rio Itaúnas - que banha o vilarejo - foi obrigada a refazer sua vida na outra margem do rio.

O fenômeno do soterramento criou no imaginário popular alguns mitos que explicassem a movimentação da areia. Hoje, o conjunto dessas narrativas sobrenaturais compõe a história da vila e alimentam a memória dos moradores mais antigos que ainda disseminam a sua crença. A preservação da cultura local insere o visitante em uma realidade alheia ao que lhe é peculiar.

Normalmente, as cidades de interior têm como componente cultural histórias míticas a cerca da comunidade, que dão sustentação à identidade do povo e do lugar. Com base nisso, identificou-se dentre todos os aspectos que chamam atenção na vila de Itaúnas, estudar a identidade daquela comunidade por meio de sua memória.

Sendo assim, este trabalho apresenta como problema de pesquisa “Quais são os mitos que povoam o imaginário popular de Itaúnas e como isto incorporou-se ao patrimônio cultural da vila?”. E como objetivo geral a pesquisa pretendeu investigar a estória construída a partir dos mitos e do sobrenatural contada pelos moradores da vila, jovens e adultos, a fim de identificar o legado cultural desses elementos incorporados ou não ao patrimônio cultural desta comunidade.

Especificamente, a partir de entrevistas e conversas com moradores locais de diferentes gerações, apurou-se nas narrativas a perpetuação das verdades míticas. O estudo também objetivou apresentar a memória popular daquele povo e sua sustentabilidade para afirmação do patrimônio cultural. Por fim, objetivou-se a produção de um vídeo documentário a respeito dos mitos que rondam o vilarejo e a sua manifestação na comunidade.

Como procedimento metodológico, a pesquisa se inicia com um estudo exploratório a cerca das bases teóricas construídas a respeito da memória e do legado cultural, os mitos no imaginário popular, bem como do vilarejo em questão. Partiu-se então para o estudo descritivo-explicativo, onde a partir de visitas *in loco* realizou-se o levantamento de depoimentos junto aos moradores da referida comunidade.

A pesquisa de campo baseou-se na história oral e no estudo das narrativas, utilizando-se como instrumentos de coleta a entrevista semiestruturada. Tal abordagem é típica da pesquisa qualitativa, que em cujo tratamento de dados privilegia o relato de experiências e a interpretação das estórias de vida. Por fim, faz-se um paralelo comparativo entre as bases teóricas construídas e a realidade investigada.

## **2 OS MITOS NO IMAGINÁRIO POPULAR**

Antigamente, toda alteração na natureza ou no próprio homem, que não tinha a interferência humana, era interpretada pela sociedade como acontecimentos divinos ou sobrenaturais. Esta forma com a qual os indivíduos entendiam e explicavam a sua realidade é chamada de mito. O termo mito vem do grego *mythos*, e significa

dizer ou falar. É um conjunto de narrativas sobrenaturais que falam sobre a origem de todas as coisas, sem embasamento teórico, um “discurso fictício ou imaginário, sendo por vezes até mesmo sinônimo de ‘mentira’ (MARCONDES, 2006, p.20).

O mito foi o primeiro esforço do homem para explicar o que ele não conhecia, uma forma de expressar o desejo e a capacidade de compreender o mundo. Por ser da alçada da emoção e dos sentimentos, o mito tem como base a crença nos seres divinos como ponto inicial de toda transformação, e apesar de não terem bases racionais não significa que todo o mito seja mentira.

Segundo Cyrino e Penha (1998, p.17):

Não podemos julgar os mitos com os mesmos critérios que avaliamos as ciências e as filosofias, que operam com conceitos abstratos. A razão pura não substitui o mito, cuja importância está em propiciar ao grupo social uma unidade de sentimentos, integrando as emoções coletivas em torno de determinados valores que assumem, num dado momento histórico, um sentido vital [...].

Cada sociedade interpreta o fato de uma forma diferente, portanto o mito é pertencente à comunidade que o criou. Na visão de Marcondes (2006) a narrativa mítica não é uma criação pessoal, ela parte das experiências, positivas ou não, vivenciadas por uma sociedade, logo não podem ser discutidas e nem questionadas.

Além de explicadores da realidade, as narrativas míticas tornaram-se também parte integrante da tradição cultural de um determinado local. Sabe-se que a cultura é o resultado de um processo de transformações históricas e sociais provocadas pelo próprio homem. Entende-se que a cultura não é algo natural, não nasce com o homem. Para o antropólogo C.Kluckhohn (apud MORAIS, 1992, p.19), a cultura:

É a nossa herança social, em contraste com a nossa herança orgânica. É um dos fatores importantes que nos permitem viver juntos numa sociedade organizada, fornecendo-nos soluções prontas aos nossos problemas, ajudando-nos a prever o comportamento dos outros e permitindo que os outros saibam o que esperar de nós.

A cultura é construída gradativamente pelo homem, que elimina e adiciona ideias, de acordo com o seu tempo. É necessário destacar também, que ao mesmo tempo em que o homem cria a cultura ela também o determina. Portanto, pode-se entender

que a cultura é “a lente através da qual enxergamos e avaliamos nosso mundo” (MORAIS, 1992, p.20).

Nesse contexto, Ricco (2009, p.87), afirma que:

[...] Pode-se entender a cultura como todo o legado construído pelo homem ao longo de sua existência, e isto inclui bens tangíveis e bens intangíveis, que representam valores materiais e imateriais assim definidos pela sociedade. Esse conjunto de bens representa a identidade de um povo, que se expressa na língua, na crença, nas práticas cotidianas, na memória e no imaginário coletivo.

Descobrir o imaginário significa manifestar a simbologia abstrata dos indivíduos, tanto no tempo quanto no meio em que habitam. Sabe-se que o homem diferencia-se de todos os outros animais pelo fato de ser o único a produzir cultura, e para White (apud LARAIA, 2009, p.55) isso só foi possível quando o homem foi capaz de gerar símbolos.

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano... O comportamento humano é o comportamento simbólico [...].

O “símbolo” é um tipo de signo extremamente essencial no processo de comunicação. Os signos são uma tentativa de representação de um objeto, uma relação, por exemplo, entre a palavra e o objeto pensado. Determinados símbolos e signos podem apenas ser interpretados e representados pelos componentes daquele espaço, como uma forma de códigos que facilitam a comunicação local.

Vale ressaltar ainda que toda a criação do ser humano é fruto do imaginário, portanto, não retrata a realidade, uma vez que é a tradução mental de uma realidade exterior percebida. O imaginário é produzido pela constante interação entre o homem e o seu espaço. É, de acordo com Maffesoli (2001, p.75) “o estado de espírito de um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transformação”.

Ao analisar o significado de imaginário, destacamos a existência de um conjunto de símbolos, costumes e lembranças que além de somar importância para uma determinada sociedade, são propagadas de geração a geração formando a cultura daquela comunidade específica. O imaginário, então, é uma espécie de sentimento coletivo, que ultrapassa as barreiras da realidade. Assim, pode-se citar os mitos como parte do imaginário das pessoas.

De acordo com Chauí (2000, p.135) a imaginação é dividida em cinco modalidades: a imaginação reprodutora, evocadora, irrealizadora, fabuladora e criadora. Dentre elas, a que merece destaque é a imaginação fabuladora:

[...] de caráter social ou coletivo, que cria os mitos e as lendas pelos quais a sociedade, um grupo social ou uma comunidade imaginam sua própria origem e a origem de todas as coisas, oferecendo uma explicação para o seu presente e sobretudo para a morte [...].

A representação mítica é fruto da imaginação coletiva de uma comunidade, construída por meio da cultura, da história, das artes e dos costumes de um lugar e, quando fortalecida, torna-se símbolo que atribui sentido a história de um povo. Portanto, o imaginário coletivo pode incorporar-se na comunidade, no povo ou em toda a aldeia global.

### **3 MEMÓRIA E LEGADO CULTURAL**

A disseminação da cultura, dos pensamentos, do imaginário dentre outras coisas vivenciadas e criadas pelo indivíduo se dá pela capacidade do homem de absorver informação e conhecimento sobre determinados aspectos. A esta retenção de situações passadas dá-se o nome de memória.

Mais que uma “evocação do passado”, como define Chauí (2000), a memória é capaz de salvar a própria história humana do esquecimento e traz a tona toda uma discussão sobre o passado, em um processo de retenção histórica no qual nossas experiências arquivadas são recuperadas quando as chamamos.

Pode-se identificar a memória a partir da lembrança – aquela que não precisa de esforço para ser recuperada – e das testemunhas e suas lembranças, componentes importantes para constituição da realidade vivida. Para Halbwachs (1990, p.25) “[...] Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de forma a reconhecê-lo”.

Neste caso, de acordo com Chauí (2000), pode-se pensar a memória em duas dimensões: pessoal e coletiva. A primeira é interior, com lembranças pessoais, registros e narrações escritas e faladas referentes ao indivíduo. A segunda é externa, envolve a coletividade, as lembranças de um grupo social em determinadas épocas, do qual o indivíduo é membro.

O sentimento de pertencer a um grupo de passado comum é consequência da memória coletiva. O escritor francês Proust (apud CHAUI, 2000, p. 125) afirma que “a memória é a garantia de nossa própria identidade, ou podemos dizer ‘eu’ reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos”.

Também deve-se destacar a relação direta entre memória e lugar, na qual o segundo é peça fundamental para a primeira, onde toda e qualquer modificação do espaço em que o indivíduo está inserido influencia na vida do personagem e conseqüentemente em sua memória.

Os lugares de memória, como são definidos por Nora (1993), podem ser entendidos como patrimônio material e imaterial de uma sociedade. Nestes, o indivíduo deve sentir-se contaminado pela imaginação e simbolismo daquele espaço e do que ele representa. Logo, Nora considera os lugares de memória mais do que simples registros da história.

Na visão de Gastal (2002, p.77) “Conforme a cidade acumula memória, em camadas que, ao somarem-se vão constituindo um perfil único, surge o lugar de memória [...] onde a comunidade vê partes significativas do seu passado com imensurável valor afetivo”.

As memórias perpetuam as experiências vividas e estas lembranças se projetam naquele espaço – lugar de memória - recuperando constantemente o passado de um determinado grupo. Estes ambientes são carregados de aspectos culturais que identificam uma sociedade em seu tempo e espaço. É por meio da memória que esta cultura pode ser transmitida para outras gerações.

Faz-se necessário conceituar cultura popular como todo arsenal produzido por um povo, que nasce de forma espontânea como uma necessidade de expressão de uma sociedade. É uma produção coletiva, geralmente anônima, que se torna comum para os membros daquele grupo.

Antonio Gramsci formula a questão em termos de estruturas ideológicas da sociedade: “ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada *pelo povo*, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais” (apud BOSI, 1972, p.53-54). A construção da cultura popular é resultado das tradições e costumes transmitidos de geração em geração, e se apresenta por meio de manifestações culturais originadas a partir da interação do homem e sua adaptação ao meio em que vive.

Diante disso, pode-se identificar a existência de uma relação entre a cultura popular, os lugares de memória e a memória propriamente dita, visto que todos os conceitos estão diretamente interligados às experiências vividas, transmitidas pela comunidade para as gerações futuras, configurando-se então no legado cultural de um determinado grupo.

Importante considerar que legado configura-se por toda a herança social destinada a alguém, ou a alguma comunidade, que ao se identificar com esta herança, pode perpetuá-la para outros membros daquela comunidade. Identifica-se, portanto, o legado cultural como mais do que uma simples herança, e sim como uma forma de identidade de um povo. Barreto (2000, p 43) defende que a condição para

considerar algo como legado cultural é que as coisas passadas se encaixem com o presente: “[...] continuidade e a contiguidade com o passado dão certezas, permitem traçar uma linha na qual nosso presente se encaixa, permitem que saibamos mais ou menos quem somos e de onde viemos, ou seja, que tenhamos uma identidade”.

Ao falar em legado, torna-se necessário ainda, fazer sua ligação com o patrimônio cultural, que pode ser entendido como o conjunto de bens tangíveis - como a arquitetura - e de bens intangíveis - como a arte - de uma sociedade. Essas produções garantem a continuidade da sua história, seja em forma da memória propriamente dita, ou por meio dos lugares de memória.

O legado cultural relaciona-se ao patrimônio à medida que é também aquilo que está na memória, quando transmitido de geração em geração, fazendo parte do patrimônio das comunidades, entendido como toda a criação do homem, herdada ou não pelas gerações futuras.

#### **4 ITAÚNAS E SEU HISTÓRICO**

A vila de Itaúnas, situada, atualmente, no município de Conceição da Barra, à cerca de 270 quilômetros da capital do Espírito Santo, já foi distrito de São Mateus em meados do século XVI. Conceição da Barra, conhecida na época apenas como Barra, era um povoado denominado como Barra de São Mateus e desenvolveu-se até ser elevada a vila, “constituindo-se o município como território desmembrado de São Mateus”. Em 1891, a vila foi elevada à cidade, tendo seu nome novamente modificado para como é conhecida hoje - Conceição da Barra - em homenagem a Nossa Senhora da Conceição<sup>4</sup>.

De acordo com a mesma fonte, em 1911, o município de Conceição dividiu-se em dois distritos, um mantendo o nome da cidade, Conceição da Barra, e caracterizado como a sede do município, e o outro conhecido como Itaúnas, que carrega consigo uma bagagem histórica que interage desde os tempos mais primórdios.

---

<sup>4</sup> Retirado de Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Volume XXII, Espírito Santo e Rio de Janeiro, p. 66-67.

O primeiro registro histórico sobre Itaúnas foi realizado em 1816/17 pelo príncipe Maximilian Wied-Neuwied, em passagem pela região, onde avistou uma choupana de índios e negros em uma fazenda. Acredita-se que foi a partir deste núcleo que a vila se desenvolveu <sup>5</sup>. O folclorista Hermógenes Lima da Fonseca (1980, p.1), estudioso da cultura popular do local e nativo de Itaúnas, destaca em versos: “*Era uma vila pacata / Que de memória ninguém sabe / Ninguém se lembra da data / Quando ela foi fundada / Nenhum sinal se conhece / Aonde foi registrada*”.

A antiga vila de Itaúnas começa a ganhar destaque em meados do século XIX devido a sua capacidade produtora de farinha de mandioca, plantio do café e exportação de madeira, que levava prosperidade ao distrito. Nesta época, a população da região era de 691 moradores livres e 91 escravos<sup>6</sup>.

A vila se situava quase à beira mar, à margem esquerda do rio Itaúnas, que dá nome ao vilarejo. O nome Itaúnas é de origem tupi e significa “pedra negra”. O rio também era a via pela qual os produtos eram exportados. Em meados de 1920, a cidade ainda se destacava na produção de farinha, chegando a exportar até dois mil e quinhentos sacos por mês<sup>7</sup>.

O acesso tanto à cidade grande quanto ao vilarejo era feito apenas pelo rio. Da mesma forma aconteceu até 1940, ano em que foi construída a estrada que ainda hoje facilita a chegada à Itaúnas nova. Naquela época, a vila possuía cerca de 100 casas de madeira, barro e estuque. Ângelo Camilo, mais conhecido como Caboquinho<sup>8</sup>, que morou na vila antiga de Itaúnas até 1961, ainda menino nesta época, destaca que a vida na Itaúnas Velha, do outro lado do rio era muito rica: “Todo mundo que morava naquela vila tinha a sua roça, tinha seu porco, sua

---

<sup>5</sup>Texto extraído do Centro de Visitantes do Parque Estadual de Itaúnas, em visita realizada por Camila Soares e Manuella Nacif em 29 de Set 2012.

<sup>6</sup> Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Volume XXII, Espírito Santo e Rio de Janeiro, p. 66-67.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Ângelo Camillo, conhecido como Caboquinho, foi morador da vila antiga e aos 72 anos ainda reside na Itaúnas nova como Mestre do Ticumbi de Santa Clara. Em entrevista concedida a Camila Soares em 05 de Mai. de 2012.

galinha, seu gado. Então a gente vivia uma vida muito cultural, passava uma vida muito importante lá em Itaúnas”.

A vila antiga, não tinha mais que duas ruas, a rua “de cima” e a rua “de baixo”. Contava ainda com uma igreja, cemitérios, um cartório, armazéns e padarias, escola e correios. Ainda de acordo com relatos de Caboquinho, Itaúnas antiga sempre manteve uma vida estritamente ligada à natureza, de onde tirava todo o seu sustento: “Lá (na vila antiga) todo mundo tinha o que era seu, lá todo mundo trabalhava, todo mundo tinha suas coisas e hoje aqui a gente não se tem uma fonte de trabalho em Itaúnas”.

Um processo de desmatamento da vegetação de mata atlântica litorânea na região, que segurava o fluxo de areia que vinha com os ventos nordeste e sul, deu início ao processo de soterramento do vilarejo, em meados dos anos 40. Segundo Ricco (2009, p.44),

[...] os moradores da vila também começaram a desmatar a restinga que cobria os arredores e as dunas, com a extração da madeira para uso doméstico (fogões a lenha) e para a construção de casas de pau-à-pique. Ademais, a utilização dessa vegetação para caça e como banheiro doméstico importunava os moradores com o barulho dos tiros e o mau cheiro trazido pelo vento. A vegetação foi derrubada a fim de acabar com o problema.

No entanto, há nos registros históricos grandes desmatamentos realizados pelo madeireiro Rainor Grecco em todo o norte do Espírito Santo, antes ainda da década de 1940, e principalmente no município de Conceição da Barra, onde a extração da madeira era também uma forma de renda dos moradores. À medida que a areia ocupava a vila, os moradores se viam obrigados a se mudarem para a outra extremidade do rio Itaúnas. O processo que durou cerca de trinta anos, foi descrito nos versos de Fonseca (1980):

*O povo não desconfiava / Do que iria acontecer / Com aquela areia fina /  
Que de manhã ao entardecer / Soprava na sua sina / Soprava sem  
esmorecer*

*Montes de areia crescendo / Em toda aquela extensão / Vinha vindo de  
mansinho / Sem nenhuma pretensão*

*Os dias foram passando / E os anos nem se contava / Firme estava o  
nordeste / As areias continuavam / Deslocando para o oeste / Muitos  
observavam*

*Montanhas foram se erguendo / Aos poucos se aproximavam / Primeiro do cemitério / Em pouco tempo aterravam / Sem haver nenhum critério / As sepulturas tapavam*

Nos primeiros anos da década de 1960, a nova vila de Itaúnas já começava a se estruturar, do outro lado do rio, a partir de um loteamento doado à comunidade pelo então prefeito Antônio de Barros. Algumas famílias ainda resistiam às areias que invadiam o vilarejo, mas em 1972, nenhum morador se situava mais na vila antiga. As pessoas levavam o que podiam para refazer a vida na outra margem do rio, desde objetos pessoais até a própria casa. Registros dão conta que apenas um morador resistiu às areias e segundo relatos de moradores, isso apenas foi possível, pois o “seu Tamandaré”<sup>9</sup>, não realizou nenhuma espécie de desmatamento da área verde que contornava a sua casa.

O fenômeno do soterramento formou dunas de areia clara com até trinta metros de altura e cinco quilômetros de extensão. A vila que anteriormente se mantinha da pesca, caça e agricultura, ganhou o turismo como mais uma atividade para sua sobrevivência, sendo hoje, uma das principais formas rentáveis da comunidade.

A Itaúnas nova cresceu de forma organizada, nos moldes da vila antiga, com duas ruas principais, uma igreja, uma praça, alguns pontos comerciais, um cemitério, e desta vez, com várias pousadas para atender a demanda de turistas que cresce a cada ano. Em 1984, a área do soterramento foi tombada como patrimônio histórico e natural do Espírito Santo, e após sete anos, em 1991, o Governo do Estado do Espírito Santo criou o Parque Estadual de Itaúnas (PEI), como forma de preservação do meio ambiente<sup>10</sup>.

O parque abrange uma área de 38 quilômetros de praia que margeia o rio Itaúnas, desde a sua foz, em Conceição da Barra, até a foz do Riacho Doce, na divisa do Espírito Santo com a Bahia. Na sua extensão formam-se restinga, mata atlântica,

---

<sup>9</sup> Seu Tamandaré morou até falecer, em 2006, do outro lado do rio Itaúnas, na única casa que se manteve após o soterramento. Ainda hoje, é possível observá-la do outro lado do Rio Itaúnas e ter acesso a ela por meio da Trilha do Tamandaré.

<sup>10</sup> CORREA, A; FERREIRA, S.L; MOTA, C.V.R. Os ventos que trazem destruição e beleza: Itaúnas. Opção, 1998 p. 15.

alagados, dunas e manguezal, nos quais a diversidade de fauna e flora é predominante<sup>11</sup>.

Além da beleza natural formada pelas dunas, a nova vila ainda conta com as manifestações culturais do vilarejo antigo – Ticumbi; Reis-de-Boi; Alardo e; Jongo – que não se perderam em meio às areias. O forró pé de serra também é mais um atrativo para o novo vilarejo. O ritmo movimentou e ainda movimenta o distrito com diversos turistas de todo o país.

Atualmente, a vila que possui aproximadamente 1.500 habitantes, é sustentada pelo turismo, que acontece em especial nos meses de alta temporada, de dezembro a fevereiro, e no mês de julho, quando é realizado desde 2011 o tradicional Festival Nacional de Forró de Itaúnas.

## **5 ITAÚNAS E SUAS ESTÓRIAS**

Este trabalho visa investigar a existência de mitos que permeiam o imaginário popular da comunidade de Itaúnas, mais especialmente à respeito do soterramento da vila antiga, acontecimento sem precedentes na história contemporânea do Brasil, que teve início, como dito anteriormente, em meados dos anos 1940. Sabe-se que o real motivo do desastre natural foi o desmatamento que aconteceu na região antes mesmo da década de 1940, e que trouxe resultados catastróficos para o vilarejo, anos depois. Porém, alguns moradores discordam dessa versão, garantindo que não houve nenhum tipo de desmatamento, e que o soterramento foi uma obra da natureza ou até mesmo uma “vontade divina”.

Desmatamento? Não teve desmatamento, só se teve antes de mim, mas depois de mim não teve. Isso até saiu numa reportagem depois, falando que foi desmatado. Mentira! Não foi não, ali não teve desmatamento, não teve nada, nada, nada daquilo. Então isso ai foi criado mesmo pela natureza que se dedicou. Foi um mistério, não sei o assunto desse mistério [...] Assim à toa, à toa, à toa, à toazinho também não foi não (Caboquinho).

Diante deste depoimento, entende-se que alguns moradores atribuem o soterramento a algo sobrenatural, mesmo que muitas vezes, eles não saibam explicá-los. Em materiais bibliográficos é possível constatar a existência de alguns

---

<sup>11</sup> Idem.

mitos que variam da troca do santo padroeiro do vilarejo, até uma maldição de um incesto, fruto da relação entre pai e filha.

Nos versos do folclorista Hermógenes Lima da Fonseca, a existência de mitos a respeito do soterramento é destacada: “*Do outro lado do rio / Fizeram outra morada / E olhavam com tristeza / Para a vila soterrada / Aquilo foi com certeza / Alguma praga jogada...*”. A “praga jogada” a que o folclorista se refere, tem relação com duas histórias: uma, que diz respeito a um padre que se dirigia a região de Mucuri, no sul da Bahia, e em passagem pelo antigo vilarejo teve um copo de água negado por um morador. Insatisfeito, o padre espraguejou o vilarejo, que sofreu as consequências do soterramento. Outra, fala de um castigo divino, causado pela troca do santo padroeiro do vilarejo, São Brás.

Na década de 60, houve uma reformulação na Igreja Católica por meio do Concílio Vaticano II e uma das decisões papais era “limpar” as igrejas de tantas imagens, que acabavam por poluir visualmente o ambiente. Esta decisão teve interpretação errônea pelos católicos da região de Itaúnas, o que coincidiu também com a chegada de um novo padre no vilarejo que tinha devoção por santos de cor branca, como pontua Fernandes (apud RICCO, 2009, p.188):

[...] na década de 1960, por uma interpretação das decisões do Concílio Vaticano II, que propôs a modernização das igrejas, várias imagens foram retiradas do altar com exceção do padroeiro, São Sebastião. Na pequena igreja de Itaúnas, São Benedito foi então levado para a sacristia, tendo seus devotos se revoltado e considerado o ato como expulsão do santo [...].

As duas situações levaram à troca do santo padroeiro da vila, quando São Brás foi retirado da Igreja, entrando em seu lugar São Sebastião, que ainda hoje divide espaço com São Benedito, outro santo negro também renegado pela autoridade católica da vila no mesmo período.

Eles contam que tinha um santo na primeira igreja, o nome desse santo era São Brás. Eles pegaram esse santo e trocou. Pegaram São Sebastião e colocou na igreja, né. E tirou São Brás. Dizem que jogaram no rio! Isso daí é a história que eles contam, os antigos né..(Dona Luci)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Dona Luci Campos da Paixão, moradora das proximidades da vila antiga e atualmente reside no novo vilarejo, em entrevista concedida à Camila Soares e Manuella Nacif no dia 21 de Out. 2012.

[...] O padroeiro de lá, ia ser o divino. Mas só que o divino era preto. Eles queriam São Sebastião que era branco. Aí que que acontece, tiraram o divino, e tocaram com ele embora pro norte. Aí o padroeiro, que era o dono do santo falou: A Itaúnas velha vai ser aterrada. E foi-se aterrada mermo. Foi uma praga que ele jogou [...] E aí o homem jogou a praga que ia ser aterrado, e foi soterrado mermo. E aterro. E tá aterrando (João Falcão)<sup>13</sup>.

Na visão do morador de Itaúnas, seu Bené<sup>14</sup>, esta foi uma determinação da Igreja Católica, que proibia no Brasil o culto às imagens e santos negros. Portanto, para cumprir com que determinavam as regras provincianas, o padre do vilarejo decidiu trocar o São Benedito, um santo negro, por um santo branco, São Sebastião<sup>15</sup>.

Em Itaúnas são venerados três santos: São Brás, São Benedito e São Sebastião. Cada um característico de épocas diferentes e, que tiveram grande importância para a construção da história e da memória dos moradores do vilarejo. O primeiro, um santo negro, foi padroeiro do antigo vilarejo, ainda na época colonial. Ao seu lado estava São Benedito, que também era venerado pelos negros escravos da época. Já São Sebastião, um santo branco e considerado guerreiro pelos católicos, foi levado para Itaúnas por intermédio de um padre.

Existem ainda versões supersticiosas para o soterramento, raramente contadas pelos antigos moradores da vila. Residente na Itaúnas nova, Benedito Leite<sup>16</sup>, conta sobre o buraco que existia a algumas léguas da Itaúnas antiga, e que causava medo na população. Ele relata que já ouviu estórias de que a areia do soterramento saia daquele buraco: “Diz que é um bicho ali que fazia um buraco medonho. Eu ouvi que é a areia que o vento carregou e ficou ali as duna. Tirou aquela areia que ta ali e jogou lá em cima pra aquele morro”<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> João Falcão, mestre do Ticumbi de Itaúnas e morador da vila antiga, ainda residente na vila nova, em entrevista concedida à Manuella Nacif no dia 20 de Out. 2012.

<sup>14</sup> Seu Benedito Conceição Filho, morador de Itaúnas, em entrevista concedida a Camila Soares e Manuella Nacif no dia 30 de Set. 2012.

<sup>15</sup> De acordo com relatos dos moradores, as estórias distoam quanto ao Santo Padroeiro de Itaúnas antiga, onde uns defendem ser São Benedito e outros acreditam ser São Bras. Mas, atualmente, os santos de destaque no vilarejo são: São Benedito e São Sebastião.

<sup>16</sup> Benedito Leite era morador das proximidades da vila antiga de Itaúnas, no Riacho Doce, mas acompanhou todo o processo de soterramento do vilarejo antigo. Atualmente com 78 anos, Bernardo Leite mora na Itaúnas nova e é descrente dos mitos.

<sup>17</sup> Em entrevista concedida a Camila e Manuella no dia 29 de Set. de 2012.

De acordo com registros do Plano de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas, dona Mariquinha, antiga moradora de Itaúnas, também relata sobre o buraco do bicho:

Tinha um tal de buraco do bicho, que era pro lado do norte e meu pai contava que quando passava por lá, e já era noite, viam um vulto preto que parecia um padre, era um bicho em forma de padre. Era um buraco enorme e escuro que eu vi com meus próprios olhos. Dizem que de lá é que vieram as areias<sup>18</sup>.

Outros moradores de Itaúnas também possuem as suas versões para o mistério do buraco do bicho:

[...] Diz que tem uma trilha aqui, chamada buraco do bicho, que você passa pelas dunas e segue uma mata de cajueiro muito bonita e tal... E que lá mora um bicho que cava um buraco e assopra a areia e essa areia que formou as dunas. E o bicho fica assoprando a areia pra limpar a casinha dele lá, eu acho... E esse sopro traz toda essa areia e formou aquela região de duna ali (Expedito Valério - Toddy)<sup>19</sup>.

[...] Aí quando foi um belo dia, eu perguntei: “vovó Valéria, porque que botaram o nome de buraco do bicho? Lá longe, quem vai pra Bahia...” Ela disse: “Não, meu filho. Aquilo ali... Quando dava 6h, 5h, não passava mais ninguém que era muito visagento. Tinha muita visagem”. Tinha assombração, falar um pouco mais português pra vocês, tinha assombração. E foi descoberto pelos índios que ali tinha uma caveira. Essa caveira tá de baixo lá das dunas, mas eu não cheguei a ver essa caveira não (Seu Caboquinho).

Há quem diga também que o enterro de uma criança proveniente de uma relação incestuosa tenha provocado um castigo sobre o vilarejo, resultando então, no soterramento da vila. Seguindo relatos bibliográficos, como, por exemplo, os versos de Fonseca, o cemitério foi a primeira parte da vila a ser soterrada. Neste contexto, em entrevista concedida a Ricco (2007), Dona Maria Conceição Falcão relata sobre a criança enterrada: “Isso aí a gente escuta o pessoal falar, né, a gente não pode dar garantia porque a gente não viu o menino [...]. Aqui diz que ele criou sete pontas de língua [...]”.

Diferente dos mitos, as lendas são histórias que não configuram com a realidade, são contos aleatórios, despertados apenas pela credence popular. Segundo Cascudo (2001, p. 328), a lenda é um:

---

<sup>18</sup> FIGUEIREDO & CABRAL, *apud* Plano de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas – *Caracterização dos Fatores Ambientais – Meio Antrópico*, *op.cit.*, p. 6.

<sup>19</sup> Expedito Valério, nascido em Minas Gerais, morador de Itaúnas nova por opção, em entrevista concedida a Camila Soares e Manuella Nacif no dia 21 de Out. de 2012.

Episódio heróico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado via oral popular, localizável no espaço e no tempo. [...] Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade. Muito confundido com o mito, a lenda dele se distancia pela função e confronto. O mito é o objeto ao redor da qual a lenda se cria [...].

Outra estória mítica já relatada pelos moradores envolve uma jura de vingança feita pelos macacos que habitavam a mata que cercava o antigo vilarejo, estes, expulsos pelos pescadores e suas famílias<sup>20</sup>. Existe relato também da expulsão dos índios, e por conta disso, a areia se revoltou contra o vilarejo: “Aquele areia não vem da praia. Ela vai inchando, o vento vai espantando ela pra lá. Aquele areia ali tá parecendo um vulcão... Isso foi castigo, porque escorraçaram os índios usando até chumbo”<sup>21</sup>.

[...] O caboclo chegou e expulsou a tribo que morava aqui, que na época eram os pataxós, segundo me passaram os mais antigos. E aí o pajé jogou uma maldição que os índios desocupariam a terra, mas essa terra não seria mais ocupada por ninguém, porque ela iria desaparecer (Expedito Valério – Toddy).

Destaca-se também a estória que se refere a um padre infiel à batina e aos princípios católicos:

[...] teve um padre que era meio dado ao vinho e a safadeza, né? Então, dizem que ele, usando a palavra que foi me passada, ele deflorou uma menina na sacristia, o que foi né, pecado mortal. E a partir do momento que o fato foi divulgado e todomundo ficou sabendo, a areia começou a invadir a cidade, a vila aqui [...] (Expedito Valério – Toddy).

Como visto no segundo capítulo deste trabalho, os mitos são uma espécie de explicação surreal de fatos que realmente aconteceram. O fato fantasioso somado à imaginação do povo de Itaúnas criou essas estórias que compõem a identidade coletiva da população e conseqüentemente seu imaginário, que também é composto pela religiosidade, lendas e credences dos moradores locais.

Daí a importância de reforçar a memória da comunidade por meio das narrativas históricas, pois o que não é transmitido fica no esquecimento da comunidade não figurando mais como aspecto da identidade local. De acordo com a psicanalista

---

<sup>20</sup> Disponível em <<http://www.mapadavilaitaunas.com.br/historia+itaunas.html>>. Acesso em 04 de Out. de 2012.

<sup>21</sup> FIGUEIREDO & CABRAL, *apud* Plano de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas –*Caracterização dos Fatores Ambientais* – Meio Antrópico, *op.cit.*, p. 6.

Renata Vescovi, em matéria para o Jornal A Gazeta<sup>22</sup> “[...] Se não transmitimos nossas histórias às gerações futuras, banimos do coletivo sentido de memória”.

Percebe-se que estes elementos discutidos compõem um cenário de herança diretamente ligado ao legado e ao patrimônio cultural da comunidade de Itaúnas. Algumas estórias perderam-se com o tempo, mas ainda há quem as conte, mesmo que um pouco descrente das mesmas. Para Barreto (2000, p.46), contar estas estórias é algo que torna o povo ligado às suas raízes.

Manter algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vem, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece.

Como forma de reforçar o turismo no local, estas estórias, principalmente as que têm relação com o fenômeno natural ocorrido na vila antiga, estão sendo resgatadas pelos monitores do Parque Estadual de Itaúnas, recolocando estes contos populares novamente como legado daquela região, visto que a partir desta disseminação, estas estórias voltam a ganhar espaço tanto no imaginário dos turistas como no dos moradores do vilarejo.

Assim como os conceitos explorados neste trabalho, o patrimônio e o legado cultural têm relação direta com a identificação de uma nação. No caso de Itaúnas, a sua identidade está construída a partir da sua história de degradação e suas estórias a respeito do soterramento, lendas, mitos e imaginário popular que passam a fazer parte do patrimônio cultural imaterial da comunidade.

Tanto as dunas - tombadas pela Unesco como patrimônio natural da humanidade, desde 1992 - representam um símbolo para o vilarejo por fazerem parte da memória da comunidade de Itaúnas – o que se pode chamar de lugar de memória, os mitos criados ao redor do fenômeno do soterramento também têm representatividade

---

<sup>22</sup> Retirado do Jornal A Gazeta, do Caderno Pensar, p. 11, do dia 27 de out. de 2012.

cultural na vila e, fazem com que estas estórias configurem como verdades naquela região, sendo criadas, aceitas e disseminadas por eles.

Dessa forma, os mitos cumprem, junto a outros aspectos culturais, o papel de construir a história daquela comunidade e de configurar-se como patrimônio cultural da região, fundamental para o reconhecimento dos moradores na sua própria história e na história da vila de Itaúnas.

## **6 CONCLUSÃO**

Para o desenvolvimento deste assunto, foi necessária a realização de uma pesquisa bibliográfica para entender o que é o mito e a sua capacidade de explicar toda a alteração na natureza ou no próprio homem, que não tivesse interferência humana. Desta forma, concluiu-se que o mito foi o primeiro esforço do homem para explicar o que ele não conhecia. Percebe-se a incorporação destes mitos no imaginário popular como um aspecto da cultura, criada e absorvida pelo homem, de acordo com o meio em que ele está inserido.

Relacionando os conceitos com os fatos ocorridos na vila de Itaúnas, estudou-se a capacidade que o homem tem de lembrar e esquecer o que lhe convém e o resultado deste processo é conhecido como memória, fundamental para que o homem se reconheça e crie uma identidade.

Como o objeto de estudo eram os mitos da comunidade de Itaúnas, investigou-se sobre memória coletiva, aquela composta por lembranças individuais de forma conjunta – com diferentes personagens -, a fim de encaixar as peças de um “quebra cabeça”, além de definir o que realmente permaneceu como herança coletiva, como legado cultural da comunidade.

A partir daí foi possível ter acesso às histórias e estórias de Itaúnas por meio de pesquisas documentais e entrevistas realizadas com os moradores, no período de setembro a outubro do ano de 2012. Estes relembavam a vida que levavam na vila antiga, o processo de soterramento e as mudanças ocorridas após a instalação da

nova vila, além dos mitos e lendas ainda contados e acreditados por alguns moradores de Itaúnas.

Como o foco desta pesquisa era discorrer sobre como estas estórias influenciam a vida dos moradores locais e saber se estas foram integradas ao patrimônio cultural de Itaúnas, foi desenvolvido um vídeo documentário em que se encontram todos os mitos relacionados ao processo de soterramento da vila antiga, como resposta à questão central do presente trabalho.

O próprio vídeo deixa claro que os mitos se incorporaram ao patrimônio cultural de Itaúnas, pois eles estão sempre presentes nos relatos dos moradores e, configuram ainda, como legado cultural do vilarejo, visto que nas declarações dos entrevistados, todos tiveram acesso a essas estórias por meio de outros moradores, normalmente, mais antigos.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, João Carlos. **Brasileiro, sim senhor! Uma reflexão sobre nossa identidade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. São Paulo: Papirus, 2000.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**: Leituras de operárias. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretação e qualificação. São Paulo: Senac, 2009.

- CORREA, A; FERREIRA, S.L; MOTA, C.V.R. **Os ventos que trazem destruição e beleza:** Itaúnas. Opção, 1998.
- CORRÊA, M.S. **Terra desaforada.** Revista Veja, São Paulo, n.1515, 1997.
- CYRINO, H; PENHA, C. **Filosofia Hoje.** 4. ed. Campinas: Papirus, 1988.
- DALL'ORTO, Marco Antônio Campo. **Rio Cricaré e a história cultural do seu povo.** Vitória: UFES, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FONSECA, Hermógenes Lima da. **A vila de Itaúnas – a vila que foi soterrada.** Folhetos da memória popular: Cricaré, 1980.
- GASTAL, Susana. **Lugar de memória:** por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In. Gastal S. (org). Turismo, investigação e crítica. São Paulo: Contexto.
- GOMES, I. M; MELO, C.T.V; MORAIS, W. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** Campo Grande, 2001. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em 07 de Nov. de 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: De Paulo, 2001.
- HISTÓRIA de Itaúnas. Disponível em <<http://www.mapadavilaitaunas.com.br/historia-itaunas.html>>. Acesso em 04 de Out. de 2012.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LIMA, H. T. As reinvenções do mito do saci pererê. **A Gazeta**, Vitória, p. 12, 27 out. 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade.** Porto Alegre: Faneccos, n. 15, ago. 2001.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. 10 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MORAIS, Regis de. **Estudos de filosofia da cultura.** São Paulo: Loyola, 1992.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** São Paulo: Papirus, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP – Brasil, 1981.

PLANO de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas – Caracterização dos Fatores Ambientais – Meio Antrópico – Relatório técnico CPM RT 152/02. Vitória: CEPEMAR, 2004.

PRATTI, F. Itaúnas: o Parque Estadual das dunas legendárias. **Revista Capixaba de Meio Ambiente e Turismo Ecológico Trilhas**. Espírito Santo, n. 4, ano 1, Março/Abril 1995.

REVOLUÇÃO Industrial - História da Revolução Industrial. **História do mundo**. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/revolucao-industrial.htm>>. Acesso em 21 set. 2012.

RICCO, A. S. **Processos culturais do turismo nas representações da identidade em vila de Itaúnas (ES)**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, 2009.

RUBIO, Katia (Org.). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SANTANNA, L.A. **O negro na Historiografia Capixaba**: A presença negra na obra de Maria Estella de Novais. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/planet/anpuhes/ensaio20.htm>>. Acesso em 02 de Out. de 2012.

SANTORO, L. F. **A imagem nas mãos**: o vídeo popular no Brasil. São Paulo: Summus, 1989.

SODRÉ, Nelson. **Síntese de história da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VESCOVI, R. C. O direito à memória como elemento essencial para reescrever a história. **A Gazeta**, Vitória, p. 10 e 11, 27 de out. 2012.

ZANDONADE, V.; FAGUNDES, M. C. J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. Monografia. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis. 2003. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso em 07 de Nov. de 2012.

## ENTREVISTAS

BATISTA, Walmir Conceição. **Itaúnas e a vila antiga**. 2012. Entrevista concedida a Manuella Nacif e Camila Soares em 22 de Out. de 2012.

CAMILO, Ângelo (Caboquinho). **Itaúnas e a Vila Antiga**. 2012. Entrevista concedida a Camila Soares em 05 de Mai. de 2012.

CAMILO, Ângelo (Caboquinho). **Itaúnas, mitos e lendas**. 2012. Entrevista concedida a Camila Soares e Manuella Nacif em 30 de Set e 20 de Out. de 2012.

FALCÃO, João. **Itaúnas, mitos e lendas**. 2012. Em entrevista concedida a Manuella Nacif no dia 20 de Out. 2012.

FILHO, Benedito Conceição. **Itaúnas e a vila antiga**. 2012. Entrevista concedida a Manuella Nacif e Camila Soares em 30 de Set. 2012

LEITE, Benedito. **Itaúnas e a vila antiga**. 2012. Em entrevista concedida a Manuella Nacif e Camila Soares em 29 de Set. de 2012.

PAIXÃO, Luci Campos. **Itaúnas, mitos e lendas**. 2012. Entrevista concedida a Manuella Nacif e Camila Soares em 21 de Out. 2012.

SANTOS, Dorothea Batista. **Itaúnas e a Vila Antiga**. 2012. Entrevista concedida a Camila Soares e Manuella Nacif em 21 de Out. 2012.

VALÉRIO, Espedito. **Itaúna, mitos e lendas**. 2012. Entrevista concedida a Manuella Nacif e Camila Soares em 21 de Out. de 2012.